

Novas centralidades em cidades médias: análise dos subcentros dos bairros Tomba e Cidade Nova em Feira de Santana – Bahia

New centralities in medium-sized cities: analysis of the subcenters of the Tomba and Cidade Nova neighborhoods in Feira de Santana – Bahia

Nuevas centralidades en ciudades medianas: análisis de los subcentros de los barrios Tomba y Cidade Nova en Feira de Santana – Bahia

Lilian da Mota Silva Cerqueira  

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana (BA), Brasil.
lilianmotablog@gmail.com

Janio Santos  

Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, Feira de Santana (BA), Brasil.
janiosantos@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as mudanças ocorridas na centralidade urbana de Feira de Santana em decorrência da consolidação de subcentros e refletir sobre as alterações desencadeadas por esse processo em suas dinâmicas urbana e econômica, por meio da investigação do Tomba e Cidade Nova. A metodologia se pauta em estudos bibliográficos, para oferecer aporte teórico sobre centro, descentralização e subcentros; em trabalhos de campo, com levantamento de estabelecimentos terciários nas áreas estudadas; na coleta de dados por meio da realização de entrevistas e aplicação de questionários qualiquantitativos no Google Forms; e na elaboração de mapas de uso e ocupação do solo e de fluxos. Os subcentros do Tomba e Cidade Nova podem ser considerados as maiores expressões de centralidade fora da área central de Feira de Santana, em virtude da oferta diversificada de atividades terciárias e da descentralização que a cidade vivencia. A emergência de novas centralidades impacta no papel do Centro Tradicional, que antes figurava como o único núcleo polarizador da cidade, o qual, ante as mudanças ocorridas na centralidade urbana, tende a perder relativamente esse papel.

Palavras-chave: Subcentros. Centralidades. Feira de Santana.

Abstract



The objective of this article is to analyze the changes in urban centrality in Feira de Santana due to the consolidation of subcenters, and to reflect on the alterations triggered by this process in its urban and economic dynamics, through the investigation of the neighborhoods Tomba and Cidade Nova. The methodology was based on bibliographic studies to provide a theoretical framework of center, decentralization and subcenters; fieldwork including the survey of tertiary establishments in the studied areas, data collection through interviews, and the application of qualitative-quantitative questionnaires on the Google Forms; as well as the development of land use and occupancy maps and flow maps. The subcenters of Tomba and Cidade Nova can be considered the main expressions of centrality outside the central area in Feira de Santana, due to the diversity of tertiary activities they offer and the decentralization experienced by the city. The emergence of new centralities affects the role of the Traditional Center, which was once considered the sole polarizing nucleus of the city and now, due to changes in urban centrality, tends to relatively lose this function.

Keywords: Subcenters. Centralities. Feira de Santana.

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar los cambios ocurridos en la centralidad urbana de Feira de Santana debido a la consolidación de subcentros, y reflexionar sobre las alteraciones desencadenadas por este proceso en sus dinámicas urbana y económica, mediante la investigación de los barrios Tomba y Cidade Nova. La metodología se basó en estudios bibliográficos para ofrecer un marco teórico sobre centro, descentralización y subcentros; trabajos de campo que incluyeron el levantamiento de establecimientos terciarios en las áreas estudiadas, la recopilación de datos a través de entrevistas y la aplicación de cuestionarios cuali-cuantitativos en lo Google Forms, así como la elaboración de mapas de uso y ocupación del suelo y de flujos. Los subcentros de Tomba y Cidade Nova pueden considerarse las principales expresiones de centralidad fuera del área central en Feira de Santana, debido a la diversidad de actividades terciarias que ofrecen y a la descentralización que experimenta la ciudad. La aparición de nuevas centralidades afecta el papel del Centro Tradicional, que antes se consideraba el único núcleo polarizador de la ciudad y que ahora, debido a los cambios en la centralidad urbana, tiende a perder relativamente esta función.

Palabras-clave: Subcentros. Centralidades. Feira de Santana.

Introdução

O modo de produção capitalista provocou mudanças significativas no que se refere à organização e à produção do espaço urbano, desencadeando processos de reestruturação urbana e transformações das cidades. Nesse sentido, entre as modificações vigentes, destacam-se o surgimento de novas centralidades urbanas e a consequente consolidação de novas áreas de concentração das atividades terciárias (comércios e serviços) além do centro principal, como os subcentros.

Por muito tempo, a centralidade urbana era expressa no centro tradicional, caracterizando as cidades como monocêntricas. Dadas as transformações urbanas ocorridas no século XX, como mudanças na urbanização, meios de transportes,

desenvolvimento tecnológico, além de elementos atrativos em áreas não centrais, iniciaram-se a descentralização de atividades e, conseqüentemente, o surgimento de novas expressões de centralidade urbana. Muitas cidades passaram a apresentar outras áreas centrais, além do centro tradicional, que as caracterizam como poli(multi)nucleadas (Santos, 2013). Assim, para Alves (2011), a descentralização (re)cria e (re)organiza o espaço urbano com base nas novas centralidades.

Lefebvre (2002, p.113) afirma que a policentralidade é a “[...] tendência que se orienta seja para a constituição de centros diferentes (ainda que análogos, eventualmente complementares), seja para a dispersão e para a segregação”. Devido à dinamicidade do espaço urbano, a descentralização ocorre em concomitância com a geração de novas expressões de centralidade, constituindo-se em um par dialético; dito de outro modo, a descentralização fortalece o surgimento de novas centralidades e da segregação.

A descentralização diminui relativamente o papel do centro tradicional e faz surgir novas expressões de centralidades, como subcentros e desdobramentos do centro antigo. No que tange aos subcentros, Santos (2007) destaca que seu surgimento ocorre em face das mudanças ocorridas no espaço intraurbano, decorrentes do modo de produção capitalista, como o advento dos meios de transporte, expansão urbana e crescimento demográfico. Para Sposito (1991, p. 10), os subcentros são: “[...] áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor e com menor incidência de atividades especializadas. Tais atividades voltadas para um público mais restrito, funcional ou economicamente”

O subcentro corresponde a uma área menor que oferece atividades semelhantes às encontradas no centro principal, mas difere desse principalmente por atender a um público específico (Santos, 2007). O crescimento demográfico e a expansão do espaço urbano são fatores que contribuem, por exemplo, para o surgimento desses subcentros. Em razão de novos fluxos e ações dos agentes produtores do espaço urbano, emergem essas novas áreas ocupadas por atividades terciárias e direcionadas para um público residente mais imediato. Entretanto, a dinâmica que desencadeia a descentralização e, concomitantemente, o surgimento de novas estruturas dotadas de centralidade torna o espaço urbano cada vez mais segmentado, em razão dos conflitos de interesses.

No caso da cidade de Feira de Santana, a expressiva atividade terciária provocou mudanças na organização do espaço urbano e induziu a descentralização e o surgimento

de novas expressões de centralidades em áreas específicas, isso para atender demandas mais locais. Com a expansão urbana e o crescimento populacional, um centro único monopolizador das atividades de comércio e serviços passou a não ser suficiente para atender à população local e regional, o que impulsionou o surgimento de subcentros.

Alguns bairros se destacam por ofertar estabelecimentos comerciais e de serviços voltados para os seus moradores, sendo possível perceber os bairros Tomba e Cidade Nova como expressivos subcentros. Ambos apresentam características similares, como estão localizados na porção sul e norte da cidade, respectivamente, às margens de rodovias; e concentram atividades comerciais e de serviços, como feira livre, lojas de confecções, agências bancárias, lanchonetes, academias, casas lotéricas, entre outros, que conseguem atender a demanda dos moradores mais locais.

Ante o exposto, faz-se necessário entender quais as mudanças na lógica da centralidade na cidade de Feira de Santana, impulsionadas pela formação de subcentros em bairros populares, como os casos do Cidade Nova e Tomba, e refletir acerca das alterações desencadeadas por esse processo em suas dinâmicas urbana e econômica.

O texto se fundamenta em revisão da literatura sobre centro, descentralização e subcentros, além de pesquisa documental, com consultas a dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Arquivo Público Municipal, em busca por informações, mapas e imagens das áreas em análise, consultados de modo remoto, pois ocorreu no contexto da Covid-19. No trabalho de campo, com intuito de identificar os tipos de uso do solo, foi realizado, no Qgis, o levantamento/mapeamento dos estabelecimentos comerciais e de serviços, que foi basilar para a vetorização dos domicílios. Além disso, observações diretas e registros de fotos foram realizados com o intuito de conhecer a realidade pesquisada e comparar com imagens antigas.

Questionários foram aplicados por meio do Google Forms com moradores e comerciantes, tendo como finalidade compreender a avaliação deles sobre a concentração das atividades terciárias nos bairros e como o fortalecimento dessas novas centralidades impacta no Centro Tradicional de Feira de Santana. Ademais, foram realizadas entrevistas com moradoras de cada área, cujo objetivo foi conhecer sua história e as mudanças na dinâmica dos bairros. A aplicação dos questionários e das entrevistas também ocorreu de modo remoto, face à Covid-19.

O texto está organizado em duas seções: a primeira problematiza os conceitos de centro, centralidade urbana e descentralização, e contextualiza a realidade de Feira de Santana; depois, ressalta-se o que são os subcentros; a segunda conclui o artigo com a análise da consolidação do Tomba e do Cidade Nova como subcentros, no contexto da reestruturação da cidade de Feira de Santana, principalmente face à redefinição da centralidade e à competição com o centro tradicional.

Feira de Santana e as novas expressões da centralidade urbana

A organização estrutural das cidades é marcada por intensas transformações ao longo dos tempos, que acompanham o modo de produção vigente, a fim de assegurar os interesses dos agentes hegemônicos. No caso do modo de produção capitalista, é a cidade a responsável por promover, em maior magnitude, a reprodução ampliada do capital, em razão dos fluxos de pessoas, mercadorias e financeiro. De acordo com Sposito (1991), para a análise da produção e estruturação das cidades, faz-se necessário o entendimento do papel do centro.

Assim, o espaço urbano revela as contradições existentes no modo de produção capitalista, a partir do momento em que, como mercadoria, sua apropriação ocorre por meio da aquisição do direito à propriedade, por meio do consumo privado. O espaço possui um valor de uso e, por outro lado, admite um valor de troca, tendo em vista que ele assume um preço a ser pago pelos indivíduos para que assim esses possam usufruir do direito à propriedade. Portanto, a utilização das porções desiguais do espaço ocorre mediante quem detém o maior poder de compra para adquirir esse direito, dificultando o acesso para aquelas camadas sociais que possuem o poder menor (Oliveira, 2008).

É nesse sentido que Santos (2013) revela a importância de pensar a estruturação urbana pautada sob o paradigma do conflito, pois os interesses e as ações dos agentes envolvidos são peças-chave para o debate a respeito dos processos espaciais urbanos, ao levar em consideração as diferentes maneiras de apropriação do solo urbano e o papel que desempenham tais processos na acumulação do capital.

A cidade, portanto, se configura de forma diferenciada, na qual se designam espaços que concentram mais atividades e, conseqüentemente, detêm maior poder de articulação que outras partes do tecido urbano (Oliveira, 2008), e o centro é, sobretudo,

um desses espaços. Portanto, é necessário caracterizar essa parte da estrutura urbana e, principalmente, diferenciá-lo do conceito de centralidade urbana.

Segundo Lefebvre (2002, p. 93), “Não existe cidade, nem realidade urbana sem um centro. Mais que isso, o espaço urbano é um espaço onde cada ponto, virtualmente, pode atrair para si tudo o que povoa as imediações: coisas, obras, pessoas”. Ainda, conforme o autor, a centralidade é o essencial do fenômeno urbano, que deve ser considerada sob a óptica do movimento dialético, na qual, ao mesmo tempo em que a constrói, a destrói; a cria e a estilhaça. Nesse viés, Villaça (2001) concebe o centro por meio da dialética na qual o centro e o não centro não devem ser desvinculados, porque é nenhuma área é intrinsecamente centro ou não centro; ela se torna ou deixa de ser.

Para Villaça (2001), o centro surge da necessidade de afastamentos indesejados, mas obrigatórios. Em suas palavras, o surgimento do centro é uma resposta à necessidade de uma localização que atenda aos interesses comuns de uma comunidade. Por conseguinte, as atividades precisam estar concentradas, em tese, no ponto em que as distâncias sejam mínimas para todos. Consequentemente, essa localização passa a ser disputada pelo controle do tempo de deslocamento.

Para Sposito (1991), o centro urbano não está obrigatoriamente no centro como localização geográfica, pois corresponde a uma forma física do espaço urbano em que se concentram as atividades terciárias e essa concentração favorece um expressivo fluxo de pessoas, mercadoria, capital, entre outros.

Com relação à diferenciação dos conceitos de centro e centralidade, Sposito (1996, p. 121) apresenta a centralidade pela fugacidade, pelo movimento, pois “[...] diz respeito aos fluxos, à fluidez, ou seja, é a expressão da dinâmica da definição/redefinição das áreas centrais e dos fluxos no interior da cidade”. Desse modo, pode-se concluir que ela consiste em lógicas de atração de fluxos que se materializam em diversas formas urbanas, pois é dinâmica e passível de mudança no espaço-tempo. O centro se diferencia da centralidade porque o primeiro corresponde à forma urbana, sendo a localização da cidade onde se encadeia uma série de funções de articulação e aglutinação de atividades que desempenham papel fundamental na estruturação urbana. Já a centralidade corresponde ao que se movimenta no território, aos fluxos, que não precisam necessariamente estar associados a uma estrutura fixa (Sposito, 1991, 1996).

Villaça (2001) e Corrêa (1989) apresentam o centro como a localização que se distingue das demais do espaço citadino, seja pela concentração das atividades ou pela valorização do solo urbano. As áreas centrais se destacam por apresentarem valores relativamente mais altos, em função de suas vantagens locacionais, como circulação de pessoas, mercadorias, infraestrutura, poder de articulação e acessibilidade.

O centro é tradicionalmente um lugar privilegiado do espaço intraurbano, por exercer papéis de aglutinação, atração, geração de fluxos e alto valor do solo urbano e, por essa razão, é bastante disputado por diferentes agentes. Contudo, essa disputa, em face de todas as vantagens que apresenta, associada à própria estratégia do capitalismo, leva o centro à saturação e, como consequência, à descentralização de parte das atividades originalmente centrais. Um centro único passa a não ser suficiente para atender a cidade como um todo, em vista do crescimento demográfico e da própria expansão da cidade. Como afirma Lefebvre,

[...] no curso de sua realização, a concentração sempre enfraquece e se rompe. É preciso, então, um outro centro, uma periferia, um alhures. Um outro lugar é um lugar outro. Esse movimento, produzido pelo urbano, produz, por sua vez, o urbano. A criação se interrompe, mas, por sua vez, para criar (Lefebvre, 2002, p. 111-112).

A descentralização de atividades acarreta a emergência de novas centralidades no espaço intraurbano para além do centro principal. Como ressalta Tourinho (2004), a centralidade se distanciou conceitual e fisicamente do centro e se tornou quase que autônoma. Atualmente, não faz mais sentido associar a centralidade apenas a um centro único em muitas cidades, pois, devido à sua fluidez, ela se manifesta em outros pontos ou formas do espaço urbano.

No que se refere à descentralização, Corrêa (1989) aponta alguns fatores que podem causar a derrocada do centro único e, conseqüentemente, contribuir para o deslocamento de atividades que, por um tempo, eram exclusivas do centro, como o aumento do valor da terra, dos aluguéis e dos impostos; dificuldades para a expansão dos empreendimentos, devido à falta de espaço físico; congestionamentos e carência de amenidades, entre outros. Em contrapartida, surgem áreas que apresentam atrativos para a geração de novas centralidades, como terras não ocupadas e de baixo valor,

infraestrutura, facilidade de transporte, qualidades topográficas do terreno, possibilidade de controle da terra e presença de amenidades.

A descentralização também está ligada ao crescimento demográfico e espacial da cidade, no qual as distâncias entre a área central e as áreas residenciais aumentam. A competição pelo novo mercado consumidor que surge desencadeia a descentralização das formas comerciais, na qual lojas da área central tendem a abrir filiais, além do surgimento de atividades já descentralizadas, que usufruem dos benefícios das localizações fora da área central. No entanto, ressalta-se que, para a ocorrência do processo, é necessário haver um mercado que justifique essa localização (Corrêa, 1989).

Portanto, a organização estrutural das cidades, por muito tempo, foi marcada pelo monocentrismo. As urbes possuíam um único centro responsável por concentrar atividades comerciais e de serviços. Entretanto, o século XX marcou a ruptura dessa estrutura, e a centralidade no espaço intraurbano deixou de ser exclusividade do centro, passando a estar presente em outras áreas. Alguns fatores foram essenciais para o rompimento dessa estruturação e viabilizaram a descentralização, como a intensa urbanização, o uso massivo de transportes individuais, aliado à necessidade de reprodução do capital e maximização dos lucros, por meio de novas estruturas comerciais (Alves, 2011).

A ruptura na estruturação do espaço urbano, que marcou o século XX em razão da saturação do centro, levou à reestruturação urbana. Para Sposito (2001), o termo "reestruturação" deve ser utilizado apenas em momentos históricos em que as mudanças na organização urbana foram significativas, exigindo rupturas na estruturação então vigente. Por essa razão, a descentralização e o surgimento de novas centralidades redefinem o papel do centro tradicional e substanciam a reestruturação urbana, no momento em que a estruturação deixa de ser monocêntrica e assume a policentralidade.

A constituição de várias áreas centrais espalhadas pela cidade que exercem diferentes papéis no espaço intraurbano a caracteriza como policêntrica. Para Lefebvre (2002, p. 113), trata-se da “[...] tendência que se orienta seja para a constituição de centros diferentes (ainda que análogos, eventualmente complementares), seja para a dispersão e para a segregação”. A dinâmica que envolve a descentralização e a geração de novas expressões de centralidade é centrada na dialética, visto que as atividades

terciárias, ao mesmo tempo em que são centralizadas, recentralizam-se em novas localizações que possuem atributos que concretizem esse processo.

As novas expressões de centralidade refletem uma nova organização nas cidades e as caracterizam como poli(multi)nucleadas e, como consequência, há a tendência de enfraquecimento do centro tradicional. Então, o centro deixa de atuar como área máxima aglutinadora e polarizadora da cidade. No entanto, apesar dessa propensão à crise, os centros tradicionais não perderam por completo a sua importância e influência para a cidade em sua totalidade (Villaça, 2001).

O surgimento de novas centralidades está atrelado às intensas transformações ocorridas nos espaços intra e interurbanos das cidades capitalistas. Para Sposito (1996), o fenômeno da redefinição dessas áreas não é novo, tampouco exclusivo de metrópoles. A autora destaca que novos empreendimentos comerciais, a exemplo dos hipermercados e *shopping centers*, são importantes elementos que contribuem para a redefinição do papel do centro. Além disso, o advento dos transportes e as novas formas de consumo são também fatores decisivos para o surgimento de novas formas de centralidades.

A descentralização não ocorre ao acaso, e a existência de fatores que permeiam a concretização do fenômeno, apontados por Corrêa (1989), revela o jogo que beneficia determinados agentes do espaço urbano. A atuação do Estado como provedor de infraestrutura nas áreas fora do eixo central permite a atuação de proprietários fundiários e agentes imobiliários. As vantagens locacionais que se alocam viabilizam a valorização do solo urbano e a implantação de novas atividades ligadas ao setor terciário, que desencadeiam o aumento do consumo. Esses aspectos permitem a maximização dos lucros e a reprodução ampliada do capital.

Ante o exposto, percebe-se que a descentralização, bem como a geração de centralidades foram essenciais para a redefinição do papel do centro da cidade, atuando na reorganização e reconfiguração do espaço urbano. E Feira de Santana é um caso interessante a ser problematizado.

Conhecida como a Princesa do Sertão, Feira de Santana se localiza no interior da Bahia, a 108 km da capital, Salvador. Segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, possuía uma população total de 616.272 pessoas (IBGE, 2024). Faz parte do Território de Identidade do Portal do Sertão, conforme regionalização implementada pela Secretaria de Planejamento do Estado da

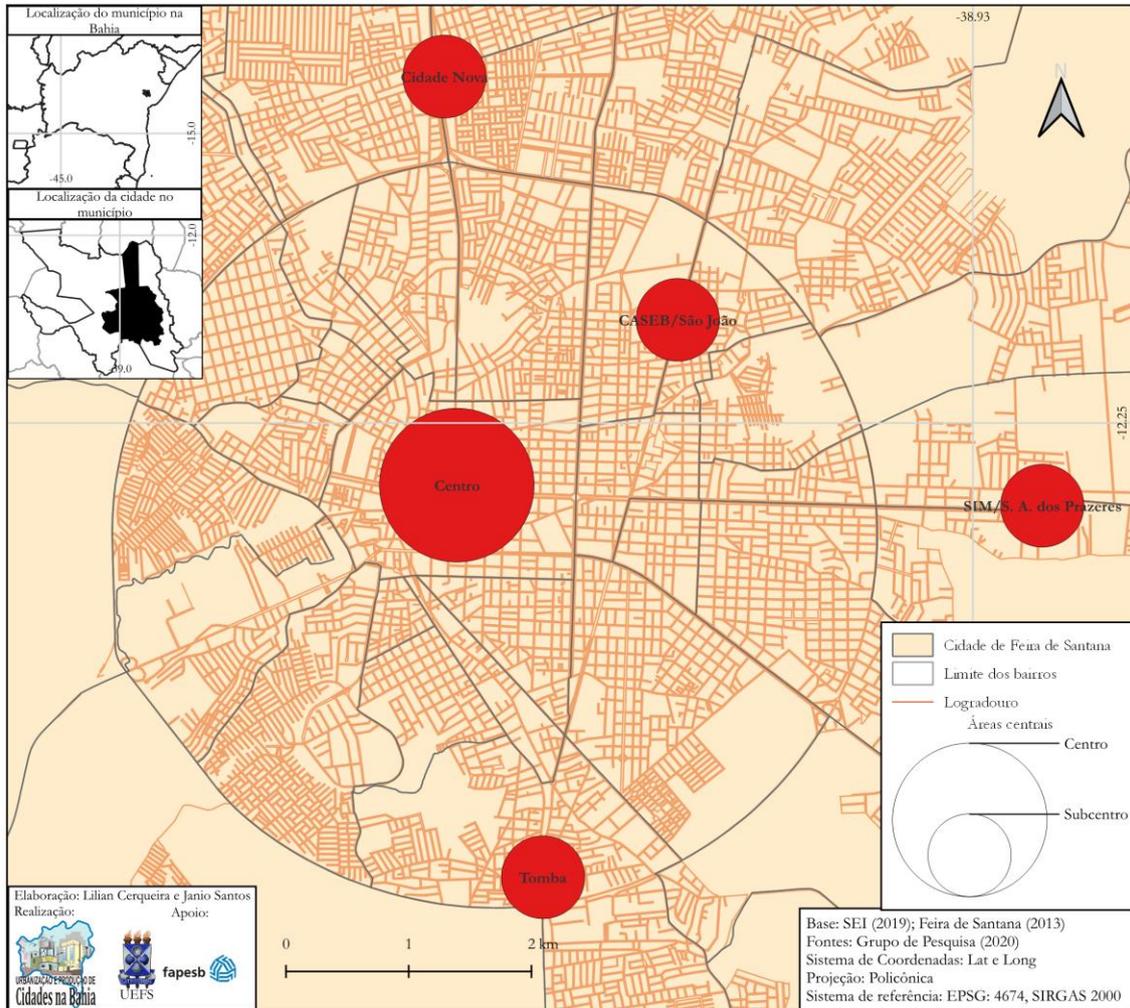
Bahia (SEPLAN). É um dos mais importantes municípios do estado, sendo o setor terciário a atividade mais relevante no que tange à organização socioespacial e socioeconômica do município. Isso pode ser explicado pela localização estratégica, uma vez que sua origem tem relação com um setor comercial e de serviços que, aos poucos, se tornou muito forte (Teles, 2017).

A segunda metade do século XX foi decisiva para a expansão da cidade de Feira de Santana. Segundo Teles (2017), em meados da década de 1960, ainda que de forma incipiente, surgiram na cidade indícios da atividade industrial. Contudo, em 1970, isso ganhou mais força por meio das políticas do governo federal com vistas à modernização, por meio do desenvolvimento da indústria. Desse modo, foi implantado no bairro Tomba, porção sul da cidade, o Centro Industrial Subaé (CIS). A sua instalação representou mudanças na dinâmica urbana porque se tornou um dos principais atrativos para a chegada de migrantes, que vinham em busca de oportunidades de emprego.

O centro comercial da cidade de Feira de Santana está localizado, em sua maior parte, no bairro de mesmo nome, todavia, extrapola para áreas circunvizinhas. Nele, estão localizadas as avenidas Senhor dos Passos, Presidente Dutra e uma parte da Getúlio Vargas; a praça Presidente Médici, onde está o Feiragui, além das ruas Marechal Deodoro, Conselheiro Franco, Sales Barbosa e Barão do Rio Branco. É uma área importante, onde estão alocados alguns dos principais equipamentos urbanos.

A expressiva atividade terciária provocou mudanças na organização do espaço urbano de Feira de Santana e induziu a descentralização e o surgimento de expressões novas de centralidades em áreas específicas para atender a demanda local e concretizou a reestruturação urbana. Com a expansão urbana e o crescimento populacional, um centro monopolizador das atividades de comércio e serviços passou a não ser suficiente para atender as demandas de Feira de Santana e região, o que impulsionou o surgimento de subcentros. Assim, alguns bairros se destacam por oferecer estabelecimentos comerciais e de serviços. Com base na observação *in loco* e na leitura de outras pesquisas sobre Feira de Santana, foi possível delimitar os seguintes subcentros: Tomba, Cidade Nova, Caseb/São João e Sim/Santo Antônio dos Prazeres, por serem os mais expressivos na atual dinâmica da cidade (Figura 1).

Figura 1 – Localização do centro e de subcentros em Feira de Santana, 2021



Fonte: Grupo de Pesquisa, 2020.

Os subcentros dos bairros Tomba e Cidade Nova apresentam características bem similares: estão localizados na porção sul e norte da cidade, respectivamente, às margens de rodovias, e apresentam um terciário responsável por atender a demanda de consumo dos moradores locais, contando com bancos, lojas de confecções, lanchonetes, academia, entre outros estabelecimentos. Já o Caseb/São João foi impulsionado pela instalação do Boulevard Shopping, o primeiro de porte da cidade. Atraídos pelo fluxo de clientes, vários estabelecimentos foram instalados ao longo da avenida João Durval e no interior dos citados bairros, o que fortaleceu a nova expressão da centralidade.

Outro fator importante para o surgimento de novas centralidades se relaciona à tendência das classes de mais alta renda (que, originalmente, residiam no centro das cidades e em seus arredores) passarem a viver em bairros mais afastados. Assim,

surgem novos espaços de consumo específicos, sobretudo destinados a esse público residente. Em Feira de Santana, esse movimento é relativamente novo e, atualmente, os bairros Sim/Santo Antônio dos Prazeres são os que crescem devido à residência de camadas de médias e altas rendas.

Apesar do fortalecimento dessas novas centralidades em Feira de Santana, os subcentros existentes atuam no sentido de complementar as atividades encontradas no Centro. Além disso, essa área exerce uma grande importância, tanto para a dinâmica econômica da cidade quanto para os cidadãos, pois é no centro que está concentrada a maior parte das atividades comerciais, de serviços e de fluxos de pessoas e capital.

Descentralização em Feira de Santana e formação dos subcentros do Tomba e Cidade Nova

Com relação à definição de subcentro, diversos autores desenvolveram estudos sobre o tema. Villaça (2001) deixa claro que o conceito é empírico; no entanto, há certa aceitação de que são necessários alguns estabelecimentos para compor a aglomeração comercial, como lojas de departamento, filiais de lojas do centro, profissionais liberais e restaurantes. O autor ressalta que a expressão subcentro é atribuída para localizações que concentram atividades de comércio e serviços de forma variada, sendo uma réplica em tamanho menor do centro, que concorre em parte com esse, entretanto, não chega a se igualar. A diferença se concentra no alcance das suas estruturas urbanas: enquanto o subcentro é responsável por atender apenas uma parcela da cidade, o centro desempenha a mesma função para toda a cidade.

Segundo Corrêa (1989), o subcentro é um núcleo central em escala reduzida e concentra variados tipos de lojas e de serviços. Essas tanto podem ser filiais, que iniciaram suas atividades no núcleo central, quanto atividades que já nascem descentralizadas. Nesse sentido, corresponde a uma área menor, que oferece atividades semelhantes às encontradas no centro principal e se difere dele, principalmente, por atender a um público mais específico.

O deslocamento da população para residir em áreas mais distantes do centro, consoante à sua saturação pela centralidade excessiva, induziu a emergência de novas áreas centrais para atender a demanda primária da população imediata. Isso acontece

tanto em bairros populares quanto nos voltados para a população com maior poder aquisitivo. O fortalecimento de novas áreas centrais, como os subcentros, diminui relativamente o papel polarizador do centro e acentua a fragmentação social, visto que as localizações são direcionadas a públicos específicos, como evidenciam Sposito e Góes (2013). Se o centro era o local onde todas as camadas sociais se defrontavam, as novas áreas centrais provocam o afastamento do centro como local da presença de todos, o que torna o espaço urbano mais complexo e segmentado.

Com relação a Feira de Santana, Antón, Medeiros e Santos (2013) apontam que, no final da década de 1960, a lógica na produção da cidade passou por transformações, principalmente em razão da substituição do transporte ferroviário, o principal no período, pelo rodoviário, que foi um fator fundamental para mudanças na centralidade. O transporte sob trilhos era o dominante e Feira de Santana não integrava as principais rotas de linhas ferroviárias. Todavia, com a ascensão do rodoviarismo e a localização privilegiada, a cidade passou a fazer parte das principais rotas rodoviárias, em direção a várias partes do país. Porém, os autores não estão tratando da centralidade intraurbana.

Além disso, há outros aspectos, como o fortalecimento da indústria, com a criação do CIS; a construção de conjuntos habitacionais; a retirada da feira livre do centro, que era o “carro-chefe” da atividade terciária até a década de 1970, por conta do desenvolvimento industrial; a forte atividade comercial e de serviços; a implantação do shopping center nos anos 1990; e a expansão de interesses imobiliários (Santos; Santos; Reis, 2021). Todos esses fatores foram fundamentais para mudanças na lógica da estruturação do espaço urbano de Feira de Santana, o que possibilitou a descentralização relativa na cidade.

Freitas, Gomes e Borges (2013) apontam que, entre os Censos de 2000 e 2010, houve diminuição na ocupação da zona central da cidade e em áreas vizinhas, localizadas no Anel de Contorno. Entretanto, com base na análise do documento encomendado pela Prefeitura, fica claro que apenas o Centro e alguns bairros mais próximos apresentaram decréscimo na taxa de crescimento no período, como Capuchinhos e Serraria Brasil (Prisma, 2014). Entre as razões que podem explicar isso, estão a mudança no valor do uso do solo, a disponibilidade de terras mais baratas fora do Anel de Contorno e a concentração de atividades comerciais e de serviços no Centro que foram fundamentais.

Por um lado, a expansão da cidade além do Anel de Contorno beneficiou a atuação do setor imobiliário, com a construção de condomínios fechados em novas áreas, e resultou no deslocamento de pessoas de altas e médias rendas em busca de moradias exclusivas e teoricamente seguras, conformando um novo perfil habitacional na periferia. Por outro lado, conjuntos populares e ocupações mantêm-se instalados nessa parte da cidade, como apontam Santos, Santos e Reis (2021). Diante do crescimento de bairros fora da zona central, o surgimento de novas centralidades tornou-se inevitável, sobretudo porque essa expansão se apresentou como atrativa para a implantação de estabelecimentos comerciais e de serviços.

No que tange às áreas mais populares, o Tomba está situado na porção sul de Feira de Santana, no acesso à BA-502, que liga essa cidade a São Gonçalo dos Campos. Conforme o Censo Demográfico de 2022, era o bairro mais populoso de Feira de Santana, com 59.591 habitantes. O Cidade Nova se localiza na porção norte, às margens da BR-116, importante via de acesso ao centro-norte baiano, e configura-se por altos fluxos; em 2022, possuía 8.546 habitantes (IBGE, 2024). Enquanto a população do Tomba aumentou 8,33% em relação ao Censo de 2010, quando tinha 55.007 habitantes, o bairro Cidade Nova teve um decréscimo de 14,32% no mesmo período, quando possuía 9.974 habitantes (Prisma, 2014).

Não foram encontradas informações que detalhem o contexto exato em que o Cidade Nova passou de conjunto habitacional para bairro. No entanto, a Lei Municipal n.º 943, de 23 de março de 1984, menciona o Cidade Nova como bairro. Com relação ao Tomba, o plano de 1968 não faz referência a bairros, mas cita uma linha de transporte coletivo para a área. Oficialmente, a primeira lei que se refere ao bairro Tomba é a Lei Municipal n.º 965, de 01 de abril de 1985 (Feira de Santana, 1968, 1984, 1985).

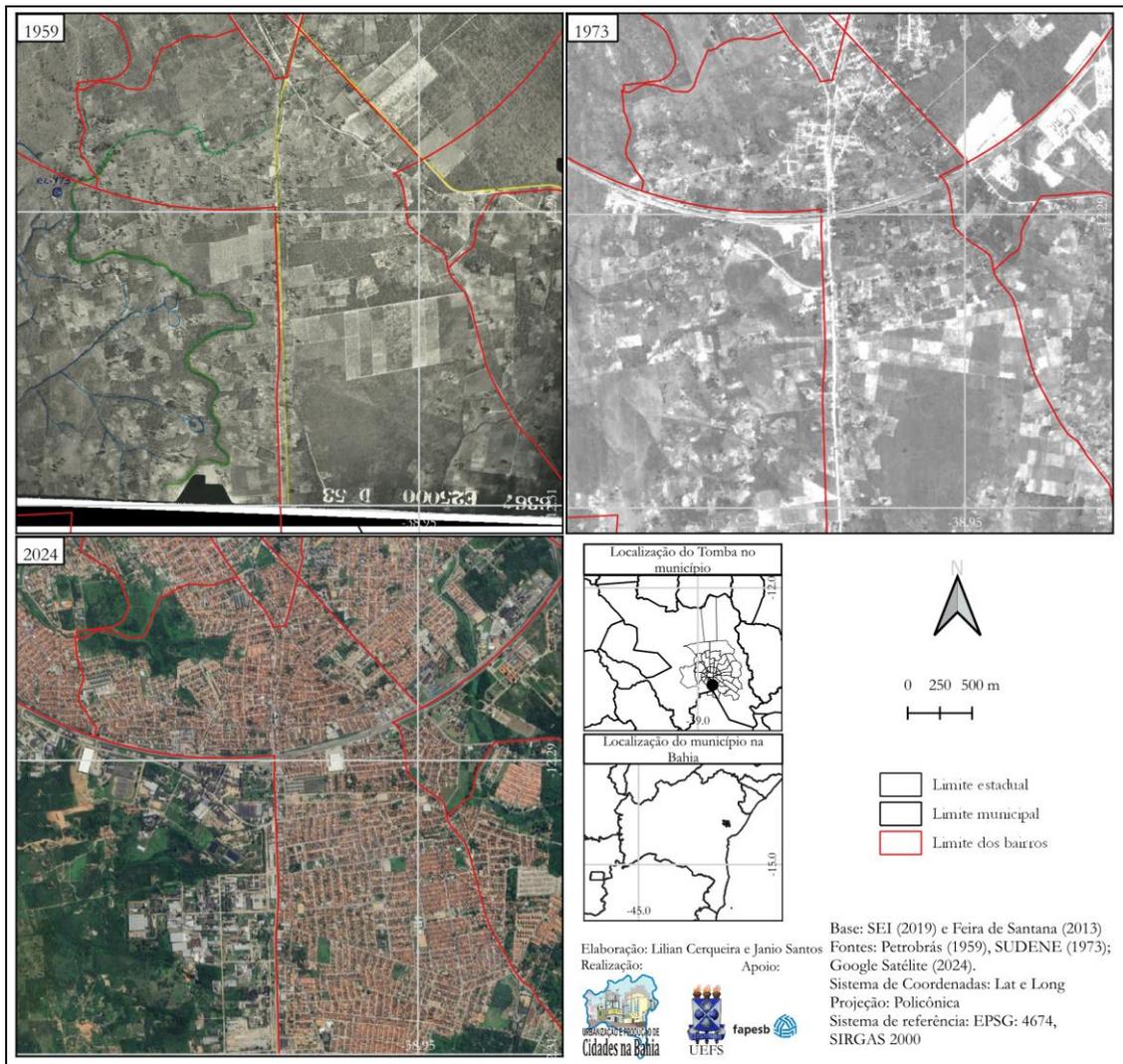
Nas Figuras 2 e 3, é possível observar as transformações nas áreas em estudo ao longo do tempo. Em 1959, os bairros ainda não existiam oficialmente e ambas as áreas mantinham características essencialmente rurais, com o Tomba apresentando algumas residências espaçadas. Em 1973, já se notam mudanças significativas: a presença do Anel de Contorno, um maior adensamento de residências e a instalação de conjuntos habitacionais. Finalmente, em 2024, a configuração dos bairros reflete a situação mais atual, com alta ocupação e adensamento.

A história do Tomba está ligada à linha férrea, que por muito tempo foi a principal ligação entre Feira de Santana e Cachoeira. Na década de 1960, apresentava características rurais e abrigava fazendas, como as do Sr. Macário Barreto e D. Lola. Nos anos 1970, essas propriedades foram loteadas e o bairro passou a se expandir territorial e demograficamente.

No entanto, o processo se tornou mais expressivo com a instalação do CIS (Araújo, 2015). De acordo com Freitas (2014), o Plano Diretor do CIS deixava clara a necessidade de construção de casas populares para abrigar a mão de obra que vinha para Feira de Santana em busca de emprego na indústria. Entre as décadas de 1960 e 1980, observou-se uma migração significativa. A instalação do CIS Tomba e do CIS BR-324, em 1970, e a construção dos conjuntos habitacionais voltados para trabalhadores industriais promoveram a busca por residências e reforçaram a ocupação da porção sul-sudeste da cidade.

O Tomba foi o segundo bairro que mais recebeu conjuntos habitacionais voltados à população pobre. Segundo Santo (2012), esse fato pode ser explicado pelo baixo valor do solo na porção sul da cidade e por estar localizado entre dois complexos industriais. A implantação do CIS Tomba, associada à construção dos conjuntos habitacionais, foi um elemento fundamental para a expansão do bairro. Foi, principalmente, para atender a demanda da indústria que o poder público passou a investir em sua infraestrutura.

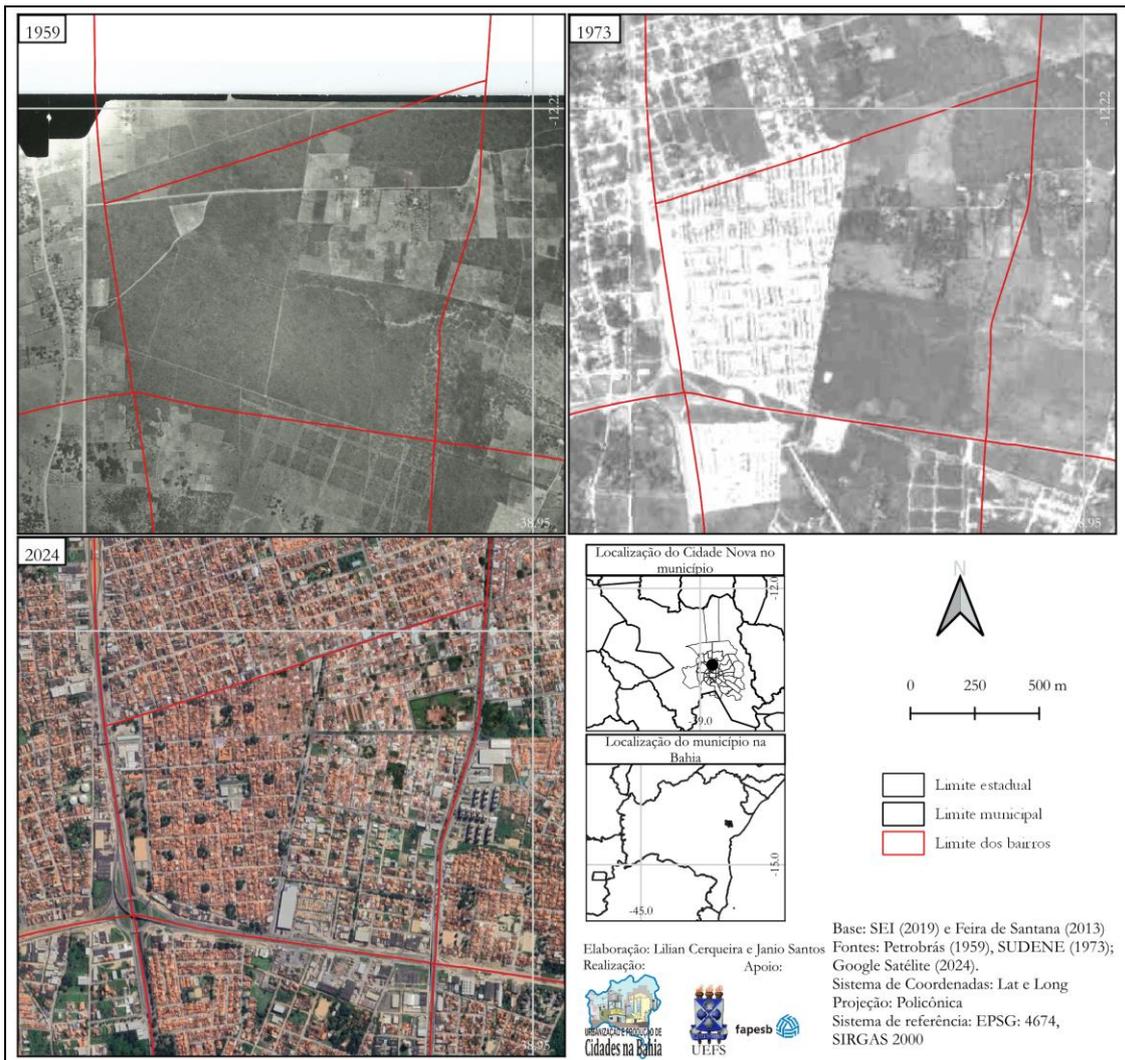
Figura 2 – Transformações no bairro Tomba, Feira de Santana, Bahia, 1959, 1973 e 2024



Fonte: Petrobrás (1959); SUDENE (1973); Google Satélite (2024).

Com relação à expansão do Tomba, o Estado foi um dos responsáveis pela concretização do processo. Inicialmente, era um bairro localizado na periferia, que não era prioridade dos governantes e carecia de infraestrutura. Com a implantação do complexo industrial, houve certa movimentação em oferecer infraestrutura básica, principalmente para atender às indústrias e parte dos migrantes que vinham em direção a Feira de Santana em busca de emprego. A implantação do CIS foi responsável, sobretudo, por promover uma nova dinâmica na cidade, assaz viabilizada pelo Estado, que criou condições de redefinição do uso do solo urbano para atender essa nova lógica, ao promover mudanças espaciais importantes (Freitas, 2014; Teles, 2017).

Figura 3 – Transformações no bairro Cidade Nova, Feira de Santana, Bahia, 1959, 1973 e 2024



Fonte: Petrobrás (1959); SUDENE (1973); Google Satélite (2024).

A formação do Cidade Nova está ligada à atuação do Estado nas décadas de 1960 e 1970. O crescimento populacional, associado ao aumento da taxa de urbanização e impulsionado pela implantação do CIS em Feira de Santana, promoveu a expansão urbana para além do Anel de Contorno. Nos finais da década de 1960, foram iniciadas as construções dos primeiros conjuntos habitacionais de Feira de Santana.

Segundo Freitas (2014), no contexto supracitado, presencia-se a formação dos bairros populares em áreas mais distantes do centro, as quais não foram acometidas de forma intensa pela especulação imobiliária. Foram construídos, inicialmente, dois conjuntos habitacionais pela URBIS fora do Anel de Contorno: Feira I e Feira II, que atualmente correspondem ao bairro Cidade Nova, finalizados em 1969 e 1971, com a

edificação de 1.636 residências. Esses conjuntos foram projetados para a moradia dos proletários, alguns responsáveis por compor a mão de obra do CIS. Para a autora, o planejamento desses bairros afastados do centro reflete a produção desigual do espaço urbano.

Não restam dúvidas a respeito de como a atuação do Estado viabilizou a expansão urbana de Feira de Santana, tanto no eixo norte quanto no sul, principalmente nas décadas de 1970 e 1980, período em que essa atuação foi ainda mais significativa. A cidade se expandiu no eixo norte, estimulada principalmente pela implantação da UEFS e da BR 116-Norte, enquanto o eixo sul teve o CIS e BA-502 como principais vetores (Santo, 2012).

Tanto o Tomba quanto o Cidade Nova apresentam características semelhantes, como, por exemplo, estão localizados fora do Anel de Contorno e estão próximos às rodovias BA-502 e BR-116 Norte, respectivamente. No entanto, é difícil definir o momento exato no qual tais bairros passaram a apresentar essa nova dinâmica terciária. Até as décadas de 1960 e 1970, a feira livre da cidade, elemento essencial para a própria formação de Feira de Santana, acontecia no centro. Com seu deslocamento para o Centro de Abastecimento e a própria expansão urbana, a atividade se dispersou para outros bairros, como o Tomba e o Cidade Nova.

A feira livre do bairro Tomba é uma das mais antigas, em atividade há mais de 30 anos, realizada sempre aos domingos na Praça Macário Barreto, onde se originaram, inicialmente, os estabelecimentos; primeiro, surgiram mercadinhos e mercearias, típicos de comércio de bairro, voltados para atender a demanda dos próprios moradores. Com o passar dos anos, a oferta de comércio e serviços se tornou mais diversificada e não se concentrou somente na praça, mas também em outras ruas, como a São João e Salvador. O terciário surgiu pela necessidade dos moradores, pois a existência de potenciais consumidores permitiu que residentes locais, que não estavam empregados, apostassem no pequeno comércio para obter alguma renda¹.

No Cidade Nova, as atividades da feira livre tiveram seu início nos anos de 1970 e o comércio surgiu com a própria implantação do bairro². Inicialmente, as atividades estavam concentradas nas Ruas 1 e 2 e no Tostão. Os primeiros estabelecimentos foram:

¹ Entrevista realizada com moradora do bairro Tomba, 23 abr. 2021. Entrevistadora Lilian Cerqueira.

² Entrevista realizada com moradora do bairro Cidade Nova, abr. 2021. Entrevistadora Lilian Cerqueira.

uma grande farmácia, a Santa Terezinha; além dela, havia outras três de pequeno porte. O primeiro grande supermercado foi o Paes Mendonça, onde atualmente funciona o Mercantil Rodrigues, na rua Carlos Alberto. Hoje, os principais estabelecimentos estão distribuídos nas ruas Carlos Alberto e ACM (antiga Rua 1). Além delas, foi mencionada a avenida Fraga Maia, que engloba o bairro, já que em sua implantação o Cidade Nova ainda era um conjunto habitacional e só depois foi elevado à categoria de bairro.

O surgimento das feiras livres nas áreas de estudo é um marco inicial para a formação dos subcentros. Entretanto, outras estruturas mais recentes também foram imprescindíveis, como a mudança no transporte de Feira de Santana, com a implantação do Sistema Integrado de Transporte (SIT), em 2005. No projeto, foram estabelecidos três Terminais Integrados: Central, Norte e Sul, dos quais os dois últimos estão localizados, respectivamente, nos bairros Cidade Nova e Tomba (Santos, Santos, Reis, 2021). A localização desses dois terminais revela a posição estratégica e a importância de ambos os bairros como geradores e receptores de fluxos.

Ao longo dos anos, o Tomba e o Cidade Nova apresentaram maior diversidade de estabelecimentos terciários, como a presença de serviços bancários, supermercados pertencentes a redes nacionais, os quais, por um tempo, estiveram localizados exclusivamente na área central de Feira de Santana, somados aos estabelecimentos que já nasceram fora da área central.

No caso do Cidade Nova, é possível encontrar a Cesta do Povo, na avenida Frei Félix de Pacaúba, nas imediações do Terminal Norte; uma agência do Banco do Brasil na rua Antônio Carlos Magalhães (ACM) e um supermercado Mercantil Rodrigues, na avenida Eduardo Froes da Mota, inaugurado em 2016; no Tomba, há um supermercado da Rede Todo Dia na rua Papa João XXIII, inaugurado em 2009 – essa rede é considerada uma das principais do núcleo –, além do GBarbosa, do grupo Cencosud, que, no entanto, localiza-se no que é conhecido como “Tomba II”, fora do núcleo principal de atividades.

A presença desses estabelecimentos comerciais e de serviços revela o caráter de descentralização das atividades originalmente pertencentes ao centro de Feira de Santana, com a recentralização no Cidade Nova e no Tomba. Isso evidencia o grau de complexificação das atividades terciárias que se desenvolvem, principalmente no que se refere à diversificação e alcance. As atividades atendem não apenas à população dos

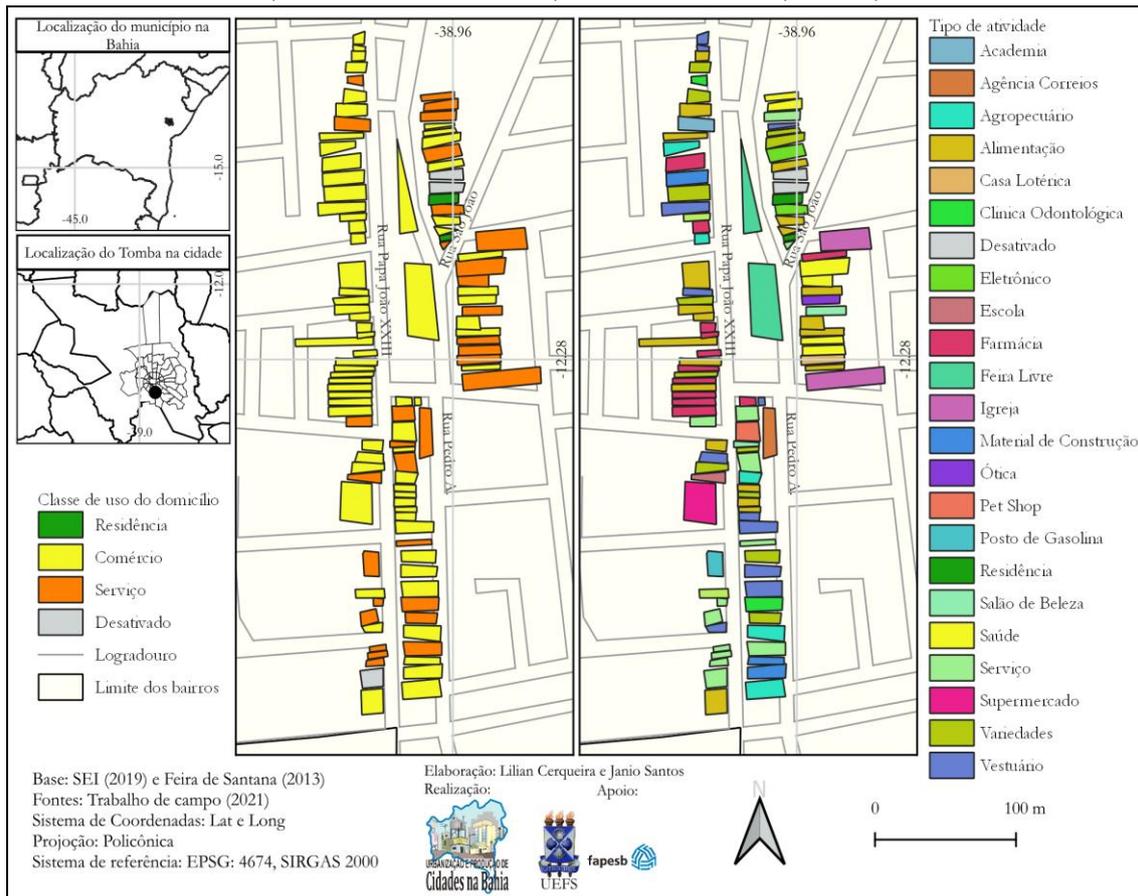
bairros, mas também aos bairros circunvizinhos, sendo alternativas para os moradores que preferem não realizar compras no centro. A complexificação presente no Cidade Nova e no Tomba os consolida como subcentros, diferenciando-os dos bairros que desenvolvem somente alguns estabelecimentos terciários, voltados para atender às necessidades básicas de seus moradores.

Portanto, fica claro que o Cidade Nova e o Tomba contemplam as características de subcentros, baseadas nas definições propostas por Corrêa (1989), Sposito (1991), Villaça (2001) e Santos (2013). A localização privilegiada, a alta capacidade de aglutinação de fluxos, a feira livre, a implantação dos Terminais Integradores e a instalação de serviços bancários, supermercados de redes conhecidas nacionalmente podem ser considerados elementos basilares para o fortalecimento comercial e dos serviços e, conseqüentemente, a consolidação da centralidade nesses dois bairros.

Os subcentros do Tomba e Cidade Nova e a configuração do espaço intraurbano de Feira de Santana

O núcleo de atividades principal do bairro Tomba compreende as ruas Papa João XXIII e Pedro Américo de Brito, onde foram encontrados 105 estabelecimentos terciários (Figura 4). Devido à sua grande extensão, as atividades estão espalhadas por todo o bairro. No entanto, é nessas ruas que está a maior parte do terciário, com a presença de estabelecimentos diversos e a feira livre. Na rua Papa João XXIII, é possível encontrar mercados e supermercados, lojas de confecções, farmácias, posto de gasolina, lojas de material de construção, escola, clínica odontológica e outros produtos variados. Já na rua Pedro Américo, a incidência de estabelecimentos é um pouco menor, mas a oferta não deixa de ser diversificada, com uma clínica odontológica, agência dos Correios, sorveteria, casa lotérica, mercado, padaria, além de uma filial da Subway.

Figura 4: Uso e ocupação dos domicílios, ruas Pedro Américo de Brito e Papa João XXIII, subcentro do Tomba, Feira de Santana, Bahia, 2021.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Apesar de menor em intensidade, fora do núcleo principal, a atividade terciária também está presente. Como mencionado, o Tomba é um bairro de grande extensão; por isso, outras vias também merecem atenção, como a rua Comendador Gomes, que conta com farmácias, pizzarias e uma filial do GBarbosa.

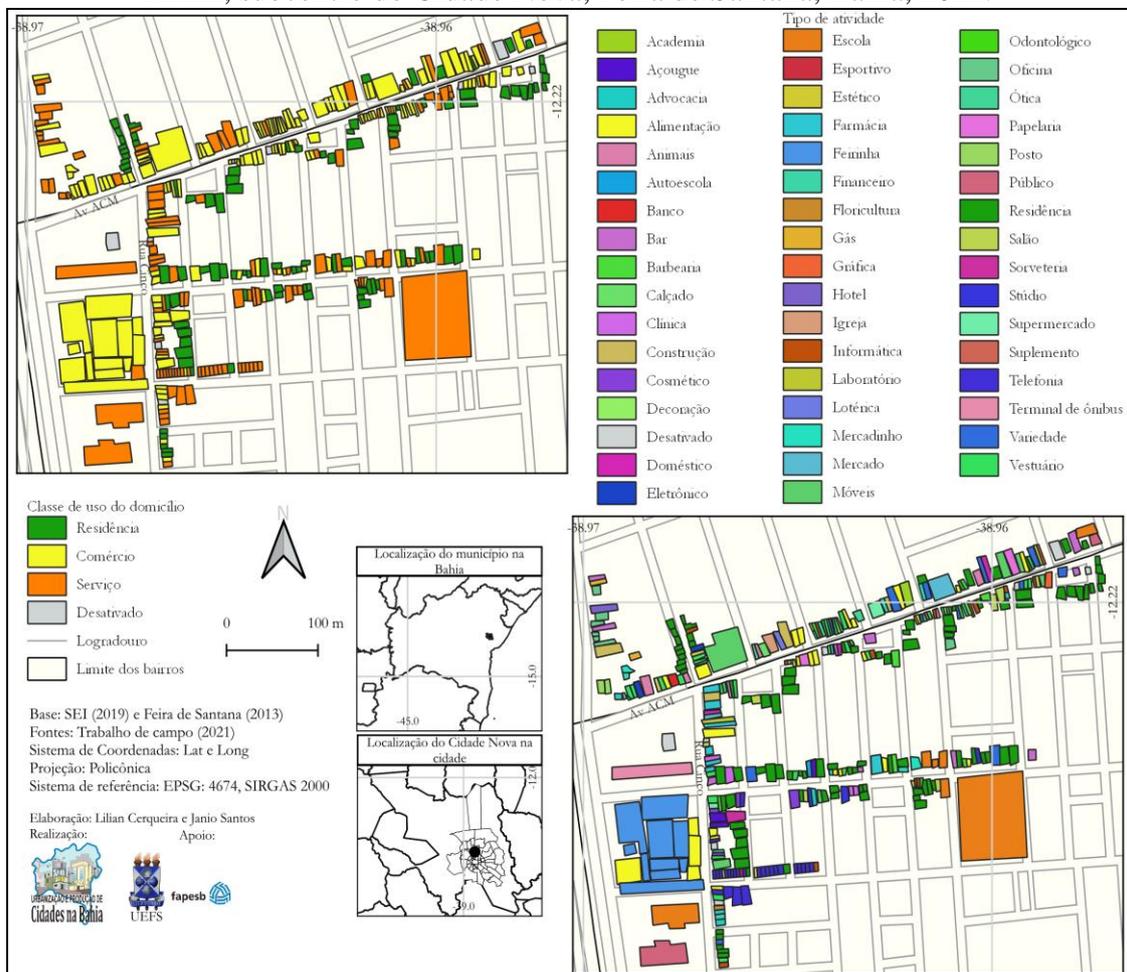
As atividades centrais que representam a maioria no subcentro são alimentícias, como mercados, supermercados em rede, restaurantes, pizzarias, lanchonetes e rede de *fast food*, presentes tanto nas vias principais como por todo o bairro. Com relação a serviços, farmácias, drogarias e clínicas odontológicas, juntamente com o vestuário, esses também representam parcela importante das atividades presentes no subcentro.

As ruas Pedro Américo e Papa João XXIII possuem a maior circulação de capitais, mercadorias, pedestres e veículos, cuja função comercial predomina e as consolida como áreas de maior consumo do Tomba, com intenso fluxo de transeuntes e

veículos. Ademais, é também nessas vias que circula o transporte coletivo, responsável por atender parte dos moradores. Há concentração de estabelecimentos voltados para o consumo imediato, que atendem não somente os residentes do próprio bairro, como dos adjacentes. O subcentro do Tomba não apresenta agência bancária, porém, no interior de um supermercado, há caixas eletrônicos.

No Cidade Nova, o núcleo das atividades ocorre em torno do Terminal Norte e da feira livre, onde foram encontrados 188 estabelecimentos terciários (Figura 5). A principal via de concentração de estabelecimentos terciários é a avenida ACM. No entanto, as ruas 5 e 2 também possuem papéis importantes no que se refere à localização das atividades. Apesar de o núcleo principal concentrar a maior parte do comércio e dos serviços, também se encontram estabelecimentos terciários por todo o bairro.

Figura 5: Uso e ocupação dos domicílios, ruas Pedro Américo de Brito e Papa João XXIII, subcentro do Cidade Nova, Feira de Santana, Bahia, 2021.



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Na Rua 5, há tendência na ocorrência do ramo alimentício, como supermercado, frigorífico, loja de produtos naturais, lanchonetes e a feira livre, responsável por gerar renda aos ambulantes; foi possível encontrar comerciantes com carrinhos fora do espaço destinado à feira livre, ao longo das calçadas. Além disso, identificam-se também na mesma via uma casa lotérica, lojas de vestuários e de produtos de cabelos e óptica. Na Rua 2, é mais evidente a combinação do uso dos solos, ocorrendo tanto o terciário quanto o residencial. As atividades apresentam maior variedade, como bares, clínicas médica, laboratorial e odontológica, lojas de roupa feminina, barbearias, autoescola, farmácia, salão de beleza, lojas de roupas fitness e íntima, mercados, estúdio de tatuagem e óptica.

Como o Cidade Nova localiza-se próximo à UEFS, os estudantes que residem nas proximidades do campus representam uma parcela importante do público consumidor. E, por apresentar uma diversidade de atividades, exerce papel importante para a comunidade, uma vez que a oferta de comércio e serviços permite que os moradores optem por se deslocar para a área central mais tradicional somente em casos de serviços e produtos não encontrados no subcentro.

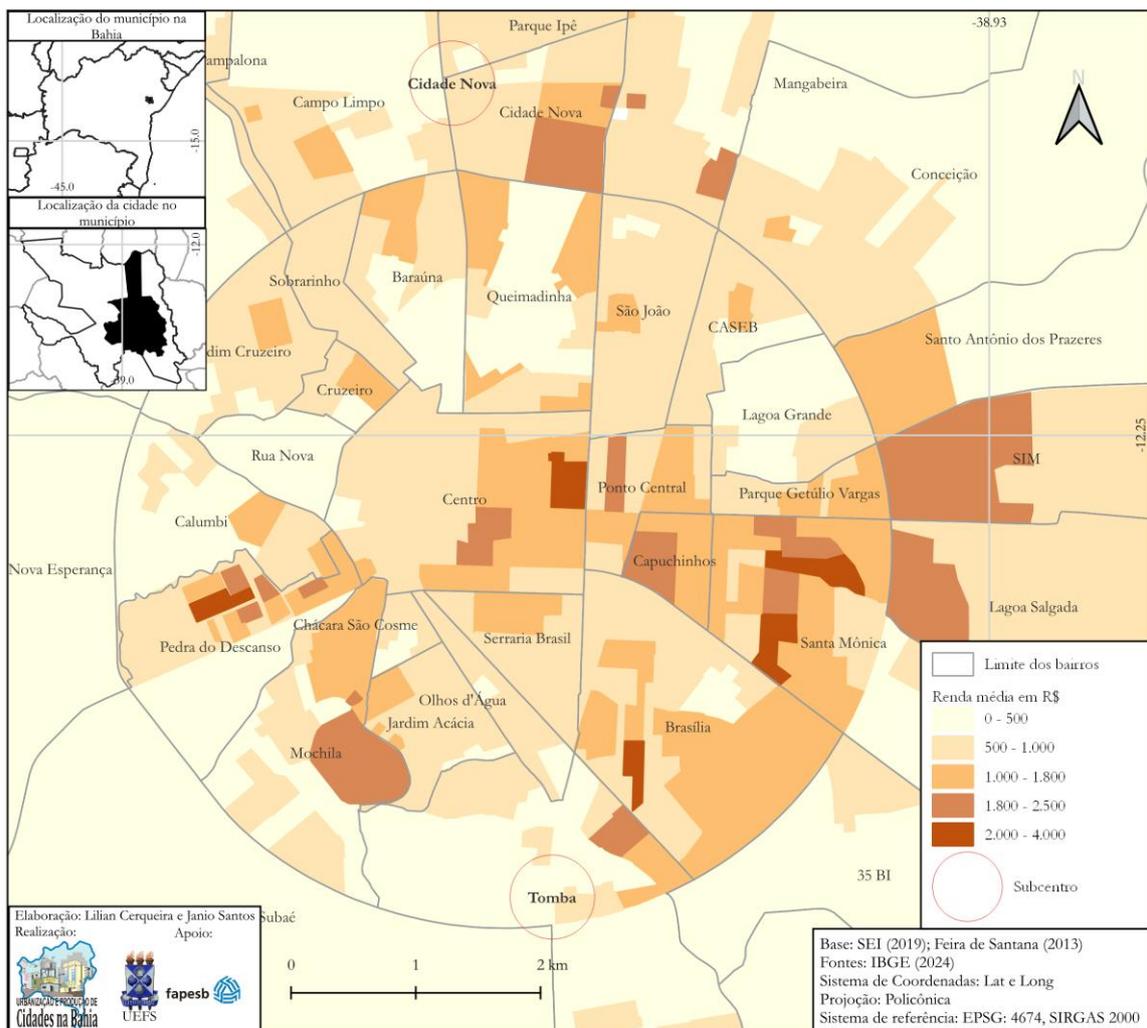
No Cidade Nova também se localizam três filiais de lojas do centro da cidade, como a Lupalina, uma loja de roupas e calçados, e duas lojas de móveis e estofados: Global Móveis Decor e Fama Conforto (Fama Móveis); no Tomba, há uma filial da loja de material de construção Rede Erguer. Não só a presença dessas lojas evidencia o papel exercido pelos subcentros na dinâmica urbano/econômica de Feira de Santana, mas também a oferta dos estabelecimentos terciários os reforça como réplicas menores da área central, responsáveis por atender parte da população.

Corrêa (1989), Villaça (2001), Santos (2013) e Sposito (1991), em seus estudos, evidenciam a importância de que as novas centralidades reúnam certas características para serem consideradas subcentros, como a presença de comércio e serviços variados, filiais de lojas centrais, além de um público definido. O Tomba e a Cidade Nova, nesse sentido, apresentam supermercados em rede e restaurantes de redes de *fast-food*, o que representa o grau de complexidade e de importância para a dinâmica comercial da cidade.

A oferta diversificada de atividades comerciais e de serviços, voltada também para os bairros adjacentes e mesmo para alguns municípios vizinhos, tem sido

fundamental para a consolidação dos subcentros. Com base na Figura 6, que apresenta a renda média por setor censitário da cidade de Feira de Santana em 2010, é possível perceber que, no Tomba, predomina a população de baixo poder aquisitivo, cuja renda varia entre R\$ 200,00 e R\$ 1.000,00. Já no bairro Cidade Nova, não se observa uma renda média homogênea, pois os moradores possuem rendas que variam entre R\$ 200,00 e R\$ 1.000,00; de R\$ 1.000,00 a R\$ 1.800,00; e de R\$ 1.800,00 a R\$ 2.500,00. Importante frisar que, em razão do atraso do Censo, as informações sobre a renda média ainda não foram atualizadas.

Figura 6 – Renda média, por setor censitário urbano, Feira de Santana, Bahia, 2010



Fonte: IBGE (2024).

O perfil socioeconômico dos bairros adjacentes é uma informação importante para compreender o padrão das atividades terciárias ofertadas. Isso porque fica claro

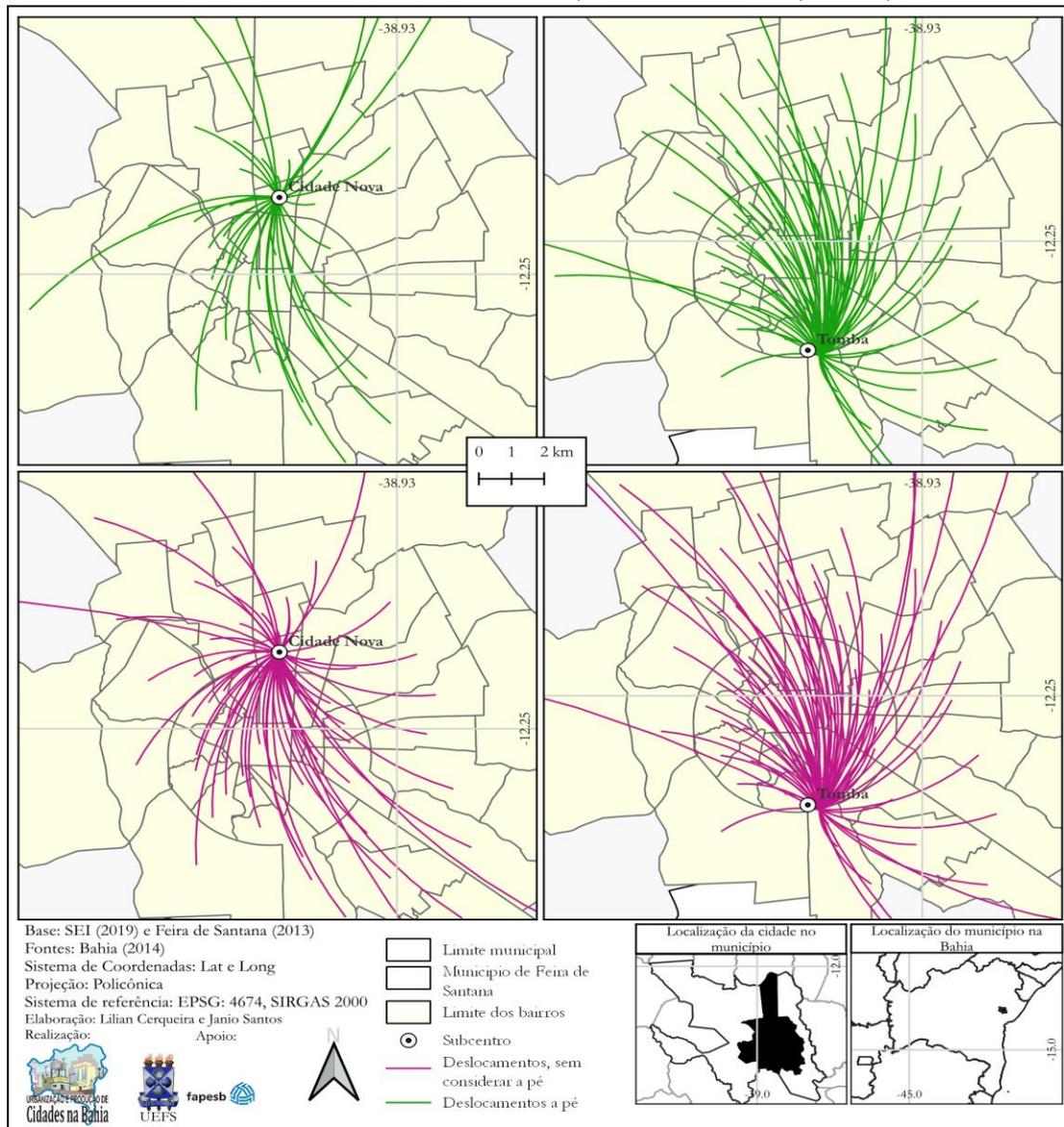
que predominam as camadas mais populares. Nesse sentido, destaca-se a presença de estabelecimentos voltados para atender necessidades imediatas, como supermercados, farmácias e lojas de confecções, entre outros. A infraestrutura dos subcentros é realmente uma réplica em tamanho menor do centro da cidade, sem registros de vias especializadas, como é comum em outras áreas urbanas.

A Figura 7 mostra os deslocamentos realizados a pé e os deslocamentos não realizados a pé em direção aos dois subcentros. É importante destacar que esse tipo de mobilidade permite percorrer maiores distâncias. Assim, é possível observar que os fluxos destinados ao Tomba se originam de várias porções da cidade, com a maior intensidade ocorrendo na área ao redor do Anel de Contorno. Em relação ao Cidade Nova, há um maior fluxo de deslocamento originado de bairros mais distantes, o que pode ser explicado pela possibilidade de percorrer maiores distâncias em menos tempo. No entanto, o fluxo de deslocamento não realizado a pé em direção ao Tomba é maior em comparação com o do Cidade Nova³.

Sobre o alcance que as atividades terciárias presentes exercem para os moradores e bairros circunvizinhos, no Tomba, 87% dos entrevistados alegaram ser residentes do próprio bairro, enquanto 13% informaram residir em bairros vizinhos, reafirmando que o alcance do consumo ultrapassa os limites do próprio bairro. No bairro Cidade Nova, 30% dos entrevistados informaram ser residentes do bairro e 70% residem nas proximidades. Como observado, os dados permitem inferir que, em ambos os bairros, as atividades terciárias atendem não somente à população local, mas também às áreas adjacentes.

³ Dados oriundos da pesquisa de origem e destino, realizada pelo governo do estado da Bahia, em 2014.

Figura 7 – Deslocamentos realizados a pé e sem considerar a pé, em direção aos subcentros do Tomba e Cidade Nova, Feira de Santana, Bahia, 2014



Fonte: Bahia (2014).

Acerca das vantagens de morar nos bairros ou em suas adjacências, observou-se a frequência de respostas mais ligadas à oferta das atividades terciárias, que possibilitam maior comodidade. Isso pode ser notado nas seguintes falas dos moradores do Cidade Nova: “Não precisa se deslocar ao centro”; “Comércio local, clínicas básicas, exames de laboratório e bancos”; “Grande disponibilidade de pontos comerciais mais variados, desde feira livre até eletrônicos”. Com relação ao Tomba, também foram similares: “É um bairro próximo ao Centro da cidade, que oferece um centro diversificado e a vários serviços”; “É possível encontrar diversos produtos sem precisar ir ao centro da cidade”;

“Todas, tem um comércio diversificado que supre as necessidades cotidianas”; “Ter um centro próximo de casa”⁴.

No que tange às desvantagens, são detectados nos subcentros problemas como congestionamento, ausência de infraestrutura urbana e espaços direcionados ao lazer, e ineficiência do transporte público. O Tomba e o Cidade Nova se configuram como áreas importantes para a circulação de veículos, pessoas e mercadorias. Além disso, a oferta de atividade terciária atrai consumidores de várias partes da cidade, como foi mencionado, sendo necessária infraestrutura adequada para atender toda a demanda.

No entanto, fica evidente que o crescimento dos subcentros não é acompanhado por investimentos do Poder Público Municipal, visto que a infraestrutura dos subcentros não parece ser suficiente para suprir as necessidades da própria população residente e dos frequentadores flutuantes. Desse modo, fazem-se necessárias ações direcionadas a essas áreas densamente povoadas, que promovam maior fluidez no trânsito, oferta de espaços de lazer, política de segurança mais eficiente, também um transporte público de qualidade. Um planejamento que impulse e fortaleça o papel dos subcentros na dinâmica de Feira de Santana, tendo em vista a importância que exercem, principalmente na questão da comodidade, pois a oferta de atividades de comércio e serviços minimiza o deslocamento da população dessas áreas para o centro da cidade e fortalece o comércio local.

Para os empreendedores, as vantagens de ter um estabelecimento nos subcentros estão ligadas ao “desenvolvimento” dos bairros e ao fato de alguns residirem na área, como observado nos seguintes trechos: “crescimento do bairro”; “o bairro tem de tudo”; “fluxo de pessoas passantes no local, centro comercial forte e próximo a minha casa”; “pela localização e clientes”; “morava no local”; “Já morava no local, onde é a casa da minha mãe e ao lado resolvemos abrir a doceria”; “vim para morar em Feira de Santana e acabei fazendo o estabelecimento na minha própria casa, depois que foi organizado até chegar a estrutura atual”; “local onde meu pai morava com isso ele implantou um pequeno salão”; próximo à moradia”; “vim para cidade de Feira de Santana em busca de trabalho, e com isso acabei adquirindo uma casa aos poucos e fui abrindo a oficina. Não foi algo estrategicamente escolhido, acabei vindo para o Tomba e até hoje permaneço”; “Movimento da feirinha”. Em relação à localização, de modo geral, os empreendedores

⁴ Dados oriundos da aplicação de questionários junto aos consumidores, em 2021.

de ambos os subcentros a qualificaram como muito boa, devido, principalmente, ao intenso movimento e potencialidade econômica do subcentro⁵.

As justificativas em relação às vantagens e à localização dos estabelecimentos relatadas pelos entrevistados são explicadas em virtude de parte dos empreendedores ter implantado seus estabelecimentos após 2010, em um cenário em que os subcentros já apresentavam certo grau de solidificação e um fluxo de frequentadores consolidado. Então, “empreender” na área significava absorver todas essas vantagens citadas. Nos estabelecimentos inaugurados antes de 2010, foi possível notar que as respostas estão relacionadas a fatores como morar no subcentro e continuar uma atividade familiar.

Por outro lado, o surgimento de novos estabelecimentos também pode evidenciar os reflexos do desemprego estrutural, cuja abertura de pequenas empresas é uma maneira de contornar a falta de oportunidades de trabalho formal. A formação de novas centralidades, de modo geral, também revela conflitos no espaço intraurbano, tendo em vista que a configuração da circulação de mercadorias, pessoas e capital reflete em alterações no preço do solo urbano. A oferta de atividades terciárias agrega valor ao espaço, uma vez que os bairros passam a concentrar novas vantagens locacionais. Assim, provoca gradualmente a conversão de imóveis residenciais para o uso terciário e o aumento dos preços dos aluguéis, sobretudo nas áreas mais consolidadas, como ocorre nos eixos principais do Tomba e Cidade Nova.

A emergência e a consolidação de novas expressões de centralidade em Feira de Santana evidenciam a expansão e a reestruturação da cidade, tendo em vista que as necessidades do capital para sua reprodução demandam novas estruturas que aumentem o lucro. A consolidação dos subcentros é responsável por imprimir novas dinâmicas, em que a área central deixa de exercer o papel monopolizador das atividades terciárias.

No entanto, é importante ressaltar que as novas expressões de centralidade não possuem força o suficiente para que o núcleo central seja “abandonado”, principalmente porque esse possui um valor simbólico para os cidadãos, devido à pujança do setor terciário de Feira de Santana. Ademais, os subcentros ainda não centralizaram todas as atividades terciárias. Por exemplo, serviços bancários e órgãos públicos municipais estão ainda concentrados na zona central, desse modo, os consumidores dos subcentros necessitam se deslocar para o centro e resolver questões mais complexas nessas esferas.

⁵ Dados oriundos da aplicação de questionários junto aos empresários, em 2021.

Assim, o Centro, mesmo com seu papel relativamente reduzido face à reestruturação urbana, prevalece como localização terciária mais relevante para a população feirense.

Considerações finais

As transformações urbanas decorrentes, principalmente, da forte economia terciária da cidade refletiram na formação de novas expressões de centralidade em Feira de Santana. Ao longo deste texto, foram discutidos importantes elementos sobre esse espaço, bem como a formação de subcentros, como o Tomba e o Cidade Nova. A cidade tem como base da economia o setor terciário e as transformações ocorridas no espaço intraurbano desencadearam a relativa descentralização de atividades comerciais e de serviços que originalmente estavam no Centro Tradicional e passaram a se recentralizar em outras partes da cidade.

Os subcentros desenvolvidos nos bairros Tomba e Cidade Nova são reflexos não só da descentralização terciária, mas também de outros fatores ligados à expansão urbana vivenciada em Feira de Santana, como o fortalecimento do setor secundário na década de 1970, face à implantação do CIS; construção dos conjuntos habitacionais, com o objetivo, em tese, de solucionar problemas de habitação; também a “migração” da moradia da população com maior poder aquisitivo para áreas fora da zona central.

No caso específico da formação dos subcentros do Tomba e Cidade Nova, a descentralização das atividades comerciais de primeira necessidade ocorreu de imediato para atender, no caso do Tomba, aos trabalhadores da indústria; no Cidade Nova, aos moradores dos conjuntos habitacionais, tendo em vista que ambos se localizam em áreas relativamente distantes do centro, onde estavam concentrados importantes equipamentos urbanos. Gradualmente, a oferta de atividades nesses bairros passou a apresentar maior grau de variedade e complexidade.

Na atualidade, os subcentros do Tomba e Cidade Nova podem ser considerados as expressões de centralidade mais significativas fora da área central. Eles oferecem lojas de vestuário, supermercados, farmácias, pizzarias, açougues, material de construção, casas lotéricas e agência dos Correios, no caso do Tomba, e agência bancária, na Cidade Nova. Essas ofertas trazem maior comodidade para moradores e frequentadores de passagem.

A emergência de uma nova centralidade impacta diretamente o papel do Centro Tradicional, que antes figurava como o único núcleo polarizador da cidade e, diante das mudanças na centralidade, tende a perder, relativamente, esse papel. No caso de Feira de Santana, com a consolidação dos subcentros do Tomba e Cidade Nova, serviços financeiros e públicos, entre outros, não passaram por processos de descentralização, de modo que os moradores e consumidores desses subcentros precisam se deslocar para resolver várias demandas cotidianas. O Centro de Feira de Santana ainda exerce papéis importantes para a população, devido principalmente ao forte setor terciário que o acompanha desde a sua formação. No entanto, as novas dinâmicas da centralidade exercida pelos subcentros estudados contribuem para o enfraquecimento, ainda que relativo, do centro como monopolizador do terciário.

Também ficou claro que os subcentros precisam de maior atenção do poder público, decorrente de questões que surgem com a consolidação de tais espaços, como o crescimento demográfico e de fluxos, sendo necessários investimentos em infraestrutura, segurança e transporte público para atender as novas demandas.

Por fim, a formação de subcentros em cidades médias demonstra que a lógica da centralidade urbana se revela por conflitos, por disputas entre grupos econômicos e políticos no acesso às benesses possibilitadas pelas gestões governamentais no âmbito de investimentos, dotação orçamentária, infraestrutura, entre outros. Dessa forma, a relação entre o centro e os novos espaços de consumo que se consolidam nas cidades como subcentros não é harmoniosa; ela produz tensões. Também são observados conflitos entre moradores e donos de estabelecimentos terciários, pois a substituição de domicílios residenciais por comerciais e de serviços aumenta o preço do solo urbano, traz novos sons e dinâmicas às vias terciárias e expulsa gradativamente moradores dessas novas áreas centrais.

Agradecimentos

Este texto resulta de estudos feitos no Projeto Urbanização e Produção de Cidades na Bahia: o Passado, o Presente e o Futuro, parcialmente financiado pelo Edital n.º 001/2021 - Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e com uma bolsa de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), entre 2020 e 2021.

Referências

ALVES, L. A. Reestruturação urbana e criação de novas centralidades: considerações sobre os shoppings centers. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 12, n. 37, p.171-184, mar. 2011. Disponível em: <https://abre.ai/j9YS>. Acesso em: 10 mar. 2021.

ANTÓN, R.; MEDEIROS, C.; SANTOS, F. O transporte rodoviário como agente da descentralização em Feira de Santana. *In*: SIMPÓSIO DE ESTUDOS URBANOS, 2. 2013, Paraná. **Anais...** Paraná: Fecilcam, 2013. Disponível em: <https://abre.ai/j9YJ>. Acesso: 20 mar. 2020.

ARAÚJO, A. M. M. R. **O crescimento de Feira de Santana e o papel do parque da cidade nas transformações dos bairros do seu entorno**. 2015, 255 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – PPPTDS, UCSal, Salvador, 2015.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

FEIRA DE SANTANA. **Lei Municipal n. 943, de 23 de março de 1984**. Altera a denominação de via pública e dá outras providências. (Rua Paulo Almeida Cordeiro). Feira de Santana. 1984. Disponível em: <https://abre.ai/j9YI>. Acesso em: 21 abr. 2021.

FEIRA DE SANTANA. **Lei Municipal n. 985, de 01 de abril de 1985**. Denomina via pública nesta cidade, e dá outras providências. Feira de Santana, 1985. Disponível em: <https://abre.ai/j9YQ>. Acesso em: 30 maio 2021.

FEIRA DE SANTANA. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI) de Feira de Santana**. Feira de Santana: COPLAN/PMFS, 1968.

FREITAS, N. B. **O descoroamento da princesa do sertão: de “chão” a território, o “vazio” no processo da valorização do espaço**. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Geografia) - NPGeo, UFS, São Cristóvão, 2014.

FREITAS, C. F. S.; GOMES, V. G.; BORGES, M. Planejamento Urbano com uso de sistema de informação geográfica: o caso de Feira de Santana, BA. **Universitas: Arquitetura e Comunicação Social**, [S./l.], v. 10, n. 1, p. 35-45, jan./jun. 2013.

IBGE. **Banco de dados do Sidra e Biblioteca Virtual**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso: 05 maio 2024.

LEFEBVRE, H. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2002.

OLIVEIRA, G. A. Redefinição da centralidade urbana em cidades médias. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.20, p. 205-220, jun. 2008. Disponível em: <https://abre.ai/j9YT>. Acesso em: 15 jan. 2021.

PRISMA. **Bus Rapid Transit – BRT de transporte de passageiros da cidade de Feira de Santana**. Feira de Santana: PMFS, março de 2014 (Projeto Executivo).

SANTO, S. M. **A expansão urbana, o Estado e as águas em Feira de Santana – Bahia (1940-2010)**. 2012. 275f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - FAU, UFBA, Salvador, 2012.

SANTOS, J. Centro, subcentros e novas centralidades na metrópole soteropolitana. In: XI ENCONTRO DE GEOGRÁFOS DA AMÉRICA LATINA, 2007, Bogotá. **Anais...** Bogotá: Disponível em: <https://abre.ai/j9YX>. Acesso em: 09 mar. 2020.

SANTOS, J. **A cidade poli(multi)nucleada: a reestruturação do espaço urbano em salvador**. Salvador: EdUFBA, 2013.

SANTOS, J.; SANTOS, L. P. F. dos; REIS, R. de S. **Mobilidade em Feira de Santana: desafios para um novo projeto de cidade**. Curitiba: CRV, 2021.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geográfica**, Presidente Prudente, n. 10, p. 1-18, 1991.

SPOSITO, M. E. B. Novas formas comerciais e redefinição de centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, M. E. B. (Org). **Textos e Contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001. p. 235-253.

SPOSITO, M. E. B. Reestruturação da cidade. In: MELO, J. G. (org). **Região, Cidade e Poder**. Presidente Prudente: GAsPERR, 1996. p. 111-126.

SPOSITO, M. E. B.; GÓES, E. M. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TELES, A. O. **O comércio informal em Feira de Santana (BA): permanências e Mudanças**. 2017, 217 f. Tese (Doutorado em Geografia), NPGeo, UFS, São Cristóvão, 2017.

TOURINHO, A. O. **Do centro aos centros: bases teóricas conceituais para estudo da centralidade em São Paulo**. 2004, 438f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro de Pós-Graduação, Estruturas Ambientais Urbanas, USP, São Paulo, 2004

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP, 2001.

Autores

Lilian da Mota Silva Cerqueira – É Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), foi Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia (FAPESB) entre 2019 e 2021. É membro do Grupo de Pesquisa Urbanização e Produção de Cidades na Bahia.

Endereço: Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, Feira de Santana, Bahia, Brasil, CEP: 44036-900.

Janio Santos – É Graduado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Presidente Prudente). Atualmente, é Professor-Pleno (UEFS) e membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo-UESB). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

Endereço: Av. Transnordestina, s/n, Novo Horizonte, Feira de Santana, Bahia, Brasil, CEP: 44036-900.

Artigo recebido em: 04 de junho de 2024.

Artigo aceito em: 30 de julho de 2024.

Artigo publicado em: 01 de agosto de 2024.